

A Interpretação e Animação Ambiental como Estratégias dos Zoos

MARIA RITA VALENTE * [ritavalente@ua.pt]

ANA MARIA FERREIRA ** [amferrei@ualg.pt]

Resumo | O presente trabalho resultou da vivência experimentada enquanto responsável pelo departamento de educação ambiental de um zoo. Para realizarmos uma proposta estratégica educativa teríamos que partir do conhecimento que temos daqueles que são os visitantes do empreendimento. Nesse sentido, realizámos um total de oitenta e cinco inquéritos baseados num método e amostragem por conveniência. O que não nos permitiu retirar conclusões ou extrapolações para além da população inquirida, mas deu-nos condições para evidenciar necessidades sentidas e possíveis soluções ao nível do departamento educativo do referido empreendimento, nomeadamente na escolha de actividades de interpretação e animação ambiental.

Palavras-chave | Interpretação Ambiental, Animação Ambiental, Planeamento, Educação Ambiental, Zoos.

Abstract | The present work resulted from the knowledge acquired when directing the environmental education department of a zoo. To design a strategic educational proposal, we would have to begin from the knowledge of the visitors' profile. For this reason we carried a total of eighty five surveys based on a method of sampling by convenience. This did not provided us with the possibility of concluding beyond the inquired population, but gave us the conditions to understand the visitors' necessities and to conclude about possible solutions to the educational department, by organizing priority activities of interpretation and environmental animation.

Keywords | Environmental Interpretation, Planning, Environmental Education, Zoos.

* **Mestre em Gestão e Desenvolvimento em Turismo** pela Universidade de Aveiro e **Consultora** na Paulo Barbosa Pereira Unipessoal, Lda - Gestão Organizacional.

** **Doutorada em Turismo** pela Universidade de Aveiro e **Professora adjunta** na Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo da Universidade do Algarve.

1. Introdução

Os zos e aquários (ZA) em todo o mundo recebem cerca de seiscentos milhões de visitantes por ano (Waza, 2005), são por isso espaços privilegiados para a educação das pessoas em relação à necessidade de conservação da biodiversidade.

É muitas vezes argumentado que os zos são destinos de ecoturismo que conseguem alcançar uma escala significativa de visitantes, estão baseados no turismo de natureza e são um “amigo” do equilíbrio ambiental.

Mason (2000) acredita na necessidade de existirem mais estudos na área de turismo em zos, uma vez que se identificam conflitos entre os papéis de educação, investigação e entretenimento. No entanto o autor também concorda que os mesmos possam ser considerados uma atracção ecoturística.

Orams (1995) sugeriu um modelo de interacção turista-vida selvagem associado ao ecoturismo e coloca os zos nesse modelo através do qual os visitantes podem observar e aprender sobre animais.

2. Os zos e a educação ambiental

O grande potencial do zoo reside na possibilidade que fornece ao permitir a observação de diferentes animais sem que se perturbem os seus habitats naturais.

Por outro lado, cada vez mais os zos se preocupam com o bem-estar animal e consequentemente com as suas instalações, a dimensão das mesmas, o tipo de vegetação colocada, a interacções com outros animais e inclusive a existência de locais recatados, longe dos olhares humanos.

Todos os gestores dos zos concordam que um dos objectivos é a educação e que uma das componentes educacionais é o próprio animal.

Orams, nas suas pesquisas, argumenta que os objectivos de uma estratégia de gestão baseada na educação são: *reduzir a incidência de comporta-*

mentos inadequados por parte dos visitantes encorajando-os a adoptar comportamentos de forma voluntária, aumentar o prazer da visita e de entendimento da vida selvagem (Orams in Ryan, 2004).

Os zos permitem aprendizagens multisensoriais e por isso, a utilização de estratégias lúdicas pode ser um importante instrumento para se alcançar as tão desejadas mudanças de atitudes em relação ao ambiente, no entanto, a mensagem educativa tende, algumas vezes, a não passar de forma eficaz, uma vez que o próprio planeamento na área da educação ambiental está também a dar os seus passos de fortalecimento.

Dentro da educação ambiental (EA) é fundamental a interpretação, de tal forma que o público seja capaz de estabelecer uma relação íntima com a conservação, a partir da observação e contacto com os animais, independentemente da origem social dos visitantes.

A interpretação ambiental é uma tradução da linguagem da natureza para a linguagem comum dos visitantes, fazendo com que o ecoturista seja informado, em vez de distraído, e educado, além de divertido (WWF, 2003).

A interpretação ambiental (IA) é uma componente da EA que tem como grande objectivo captar o interesse do visitante, para que este deseje aprender mais e em última análise, provoque a necessidade de alterar comportamentos, para isso ela deverá ser: divertida, relevante, organizada, temática (Ham, 2005).

Para que a IA seja eficaz deve comportar três grandes fases. A primeira fase centra-se em cinco grandes momentos: o inventário que se prende principalmente com o *potencial interpretativo e a audiência* (Ham, 2005); a definição dos objectivos que normalmente se prende com a pergunta – *Para Quê?* (WWF, 2003); a definição das acções, isto é, após definidos os objectivos e conhecermos a audiência devemo-nos preocupar com o *Como?* (WWF, 2003) iremos alcançar o fim a que nos propusemos; o desenvolver do tema, isto é, clarificar numa frase simples a mensagem que pretendemos que seja retida pelos visitantes e por fim definir os meios

interpretativos, isto é – *Onde? Como? E Quando?* (WWF, 2003). A segunda fase é o implementar de tudo quanto foi analisado anteriormente e finalmente a avaliação da eficácia e pertinência do plano interpretativo.

3. O presente estudo

O Park & Zoo S. Inácio pertence ao concelho de Vila Nova de Gaia e é um atractivo recente uma vez que abriu pela primeira vez as suas portas em 2001. Está inserido numa área de 14,6 hectares (área utilizada) de um empreendimento com o total de 50 hectares (Quinta S. Inácio).

O zoo – parque animal está inserido numa área correspondente a 5,4 hectares. Existe um parque de estacionamento, um parque de merendas com zona de animação, dois relvados de demonstrações de animais, zonas de refeição – um bar e um restaurante.

É importante focar que uma parte do empreendimento faz fronteira com o Rio Douro, havendo possibilidade de realizar actividades no rio.

O Park & Zoo S. Inácio destaca-se pela sua diversidade de espécies animais dos cinco continentes, mas sobretudo pela excelente paisagem, tão pouco usual nestes espaços, a qual é dominada pela mancha verde, pela dimensão dos espaços/ habitats destinados aos animais o que cria uma atmosfera muito tranquila e agradável.

O presente estudo teve como questão de partida – *Qual a estratégia a adoptar pelo Park & Zoo S. Inácio considerando as características e interesses dos visitantes?*

A falta de caracterização dos visitantes do Park & Zoo, de forma geral e especificamente das famílias, condiciona a definição da estratégia de interpretação ambiental e respectiva escolha das actividades lúdico-pedagógicas desse mesmo atractivo.

Neste sentido os objectivos gerais do presente estudo foram: caracterizar as famílias que visitam o

Park & Zoo sob o ponto de vista demográfico, nível de instrução, tipo de motivação e interesse por este tipo de espaços, preferências por algumas actividades interpretativas e de natureza; e traçar uma estratégia educativa para o Park & Zoo a partir dos resultados obtidos no estudo de caracterização dos visitantes.

A partir deste ponto procurámos definir o tema ou temas centrais a partir dos quais o Park & Zoo poderá trabalhar, desenvolvendo-os com o conhecimento da população à qual se destina; diversificar a oferta existente no Park & Zoo em termos de actividades relativamente a outros espaços semelhantes e considerar a hipótese de realização de actividades complementares às do Park & Zoo – actividades de animação, considerando o espaço total da Quinta de Santo Inácio (aproximadamente 50 hectares).

4. O inquérito

O inquérito debruçou-se sobre os seguintes temas: (1) dimensão demográfica, (2) grau de interesse e motivação por este tipo de atractivos turísticos, (3) preferências em termos de actividades lúdicas pedagógicas existentes, (4) preferências de actividades interpretativas possíveis para implementação, (5) preferências de actividades de animação possíveis para implementação.

Os visitantes inquiridos – famílias – do Park & Zoo sentem falta/necessidade de actividades de âmbito interpretativo e de natureza.

O inquérito foi preenchido pelo entrevistador de forma a obter respostas mais cuidadas, assim como garantir o preenchimento integral dos mesmos. Esta opção permite que o design do questionário não seja tão cuidado, isto é, é necessário que apenas o entrevistador saiba interpretar as perguntas de forma a “traduzi-las” se necessário ao entrevistado.

Optamos pela amostragem por conveniência, uma vez que as condições disponíveis quer em

termos financeiros, quer em termos humanos eram muito restritas. Mesmo tendo consciência que os resultados e as conclusões só se poderiam aplicar à amostra, isto é, não podiam ser extrapolados com confiança para o Universo (Hill, 2005).

Considerando que os inquiridos se destinavam a famílias, optamos por fazer a aplicação dos mesmos ao fim de semana (sábado e domingo), sendo esse o tempo privilegiado de passeio dos grupos familiares, durante um mês (Maio/ Junho).

Os mesmos foram aplicados no final da visita ao espaço.

Após questionarmos um dos membros da família (masculino ou feminino) não voltamos a questionar qualquer outro elemento pertencente à mesma.

O inquérito Q2 foi aplicado sempre que as crianças ou jovens o desejaram fazer, sendo o mesmo anexado ao inquérito Q1 respondido pelo adulto desse grupo familiar.

O inquérito Q1 - adultos – era composto por dezassete perguntas, sendo uma pergunta do tipo aberto, e as restantes do tipo fechado. Dentro do grupo de perguntas do tipo fechado existiam duas de resposta múltipla.

O inquérito Q2 – crianças - era composto por quatro perguntas, sendo todas do tipo fechado, no entanto existiam duas de resposta múltipla.

5. Resultados

Dos oitenta e cinco inquéritos Q1 respondidos, vinte e seis deles são complementados com o inquérito Q2 aplicado às crianças e jovens do grupo familiar. Obtivemos trinta e cinco inquéritos Q2.

A maioria dos visitantes do Park & Zoo encontra-se entre os 31 e os 51 anos, os quais são, numa grande parte, acompanhados pelos filhos entre os 0 anos e os 10 anos, correspondendo a 67% do total de visitantes do grupo família.

As faixas etárias entre os 11 e os 30 anos são as que menos visitam o Park & Zoo, correspondendo

apenas a 16% do total de visitantes inquiridos, o que pode significar a falta de atractividade do espaço para estes adolescentes e jovens.

O nível de instrução dos elementos adultos, feminino e masculino, que compõem o grupo familiar varia ligeiramente, muito embora possamos afirmar que mais de 89% dos adultos têm formação superior (bacharelato, licenciatura, mestrado).

Os grupos familiares que visitam o Park & Zoo são oriundos da zona norte (classificação NUTS II) correspondendo a 66% do total de inquiridos.

A existência deste atractivo é em 77% conhecida através de meios não publicitários, por isso, fora da responsabilidade da empresa.

O “passa a palavra” ou o “boca a boca” juntamente com a divulgação junto e pelas escolas apresentaram-se como os meios mais eficazes de dar a conhecer o Park & Zoo.

Das razões apresentadas no inquérito para originarem a visita ao zoo, 57% dos inquiridos responderam que a família, os amigos eram o principal motivo, sendo que 36% responderam que a curiosidade era o que os fazia optarem pela visita.

Em média os visitantes permanecem cerca de quatro horas no Park & Zoo o que implica fazerem uma refeição (almoço ou lanche) nos serviços de restauração ou no parque de merendas. Trata-se pois de fluxo de índole excursionista porque a duração de uma visita não ultrapassa um dia.

Muito embora 47% dos inquiridos estivesse a realizar a sua primeira visita ao Park & Zoo, os restantes 53% já repetiam a visita. Este facto demonstra um elevado grau de fidelização dos clientes e vai de encontro a um dos objectivos de qualquer empreendimento turístico.

Das actividades existentes – a demonstração de voo de aves e a demonstração de répteis – a que registou maior grau de apreciação foi a demonstração de voo.

No entanto se compararmos as respostas dadas a vinte e seis dos inquéritos Q1 com os correspondentes Q2 a situação altera-se, isto é, as trinta e cinco crianças e jovens que responderam ao inquérito Q2 preferem a demonstração de répteis.

6. Actividades interpretativas desejadas

Das oitenta e cinco famílias inquiridas, trinta e oito consideraram as estações de descoberta como uma das actividades interpretativas desejadas (Figura 1), seguida das visitas auto-guiadas com recursos a gravação (MP3) e das explicações pontuais feitas por alguém do zoo.

Vinte das famílias inquiridas consideraram que não sentiam necessidade de qualquer tipo de actividade interpretativa referida.

Apenas seis grupos familiares referiram a necessidade de painéis explicativos interactivos, quatro referiram a falta de sinais informativos e de auxiliares de orientação e apenas uma família considerou a visita guiada como uma actividade interpretativa desejada.

Ninguém considerou necessário o balcão de informações.

É importante lembrar que a visita auto-guiada com recursos a gravação (MP3) foi considerada tendo em atenção apenas os espaços fechados de exposição de animais, uma vez que no exterior já existem painéis informativos que poderiam provocar sobreposição de informação e consequente desinteresse no visitante.

7. Comparação das respostas do inquérito Q1 com o Q2

Não existem diferenças nas respostas obtidas nos inquéritos aplicados aos adultos (Figura 2) ou crianças e jovens dos grupos familiares (Figura 3), há apenas que realçar a grande escolha em favor das estações de descoberta, sobretudo por parte dos inquiridos do Q2.

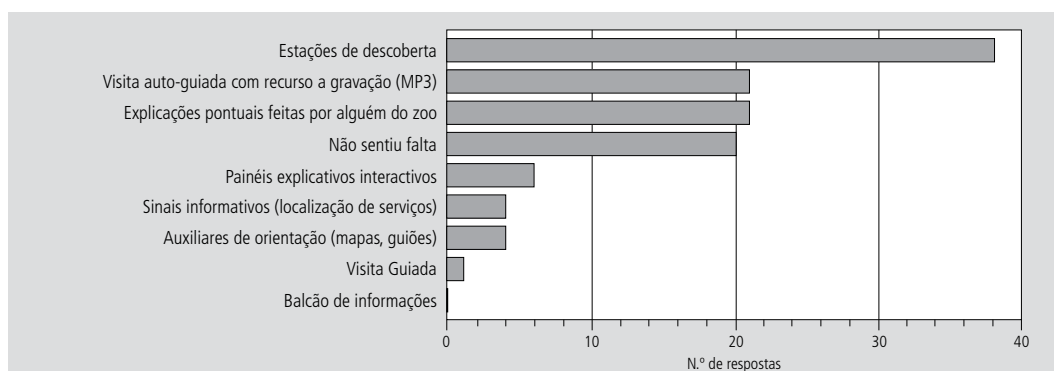


Figura 1 | Actividades interpretativas desejadas.

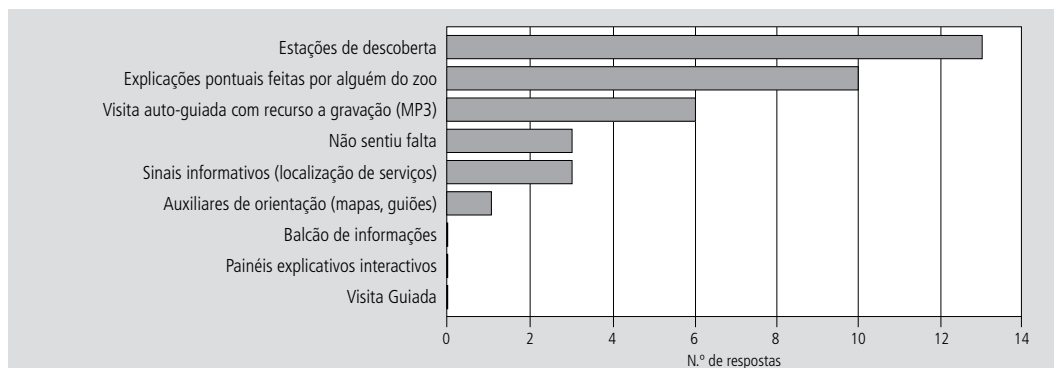


Figura 2 | Actividades de interpretação ambiental escolhidas por 26 famílias inquiridas – Q1 – Adultos.

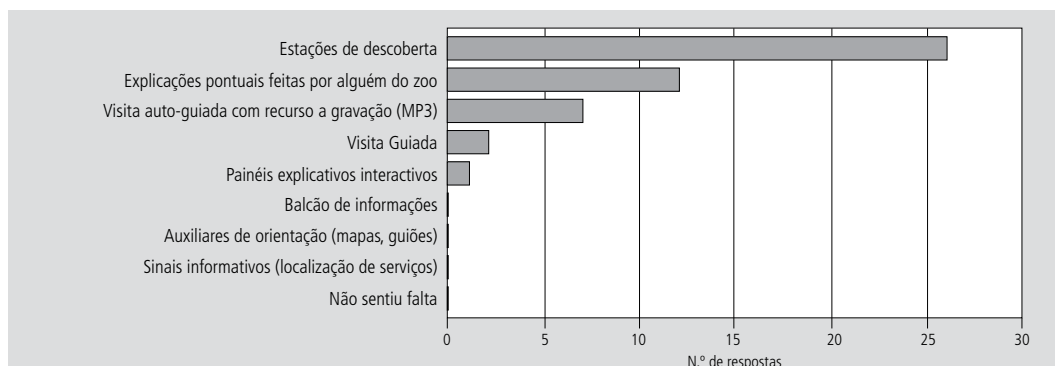


Figura 3 | Atividades de interpretação ambiental escolhidas por 26 famílias inquiridas – Q2 – Crianças e Jovens.

8. Atividades de animação ambiental desejadas

A actividade mais desejada e escolhida por cinquenta e uma das famílias inquiridas (Figura 4), foi o percurso a cavalo. Seguiram-se a canoagem, o percurso pedestre, o percurso de bicicleta e as cordas. Todas as restantes opções ficaram abaixo das vinte respostas.

É relevante lembrar que segundo a nossa opinião estas actividades poderão ser o motor de atracção das faixas etárias entre os 11 e 30 anos, uma vez que as mesmas são as que menos visitam o Park & Zoo.

As respostas obtidas podem servir de orientação para que a empresa detentora do empreendimento introduza outras actividades para além das já oferecidas uma vez que dispõe de espaço para o fazer.

9. Comparação das respostas do inquérito Q1 com o Q2

A grande diferença que pode ser observada é a “alta” prioridade dada pelas crianças e jovens (Figura 4) destas vinte e seis famílias ao percurso a cavalo, enquanto os seus pais (Figura 5) colocam essa actividade ao mesmo nível da canoagem.

Enquanto no Q1 as cordas surgem como a terceira opção mais escolhida, no Q2 é a bicicleta que ocupa o terceiro lugar.

Parece-nos no entanto que as actividades podem decorrer em simultâneo e de acordo com o interesse das diferentes faixas etárias.

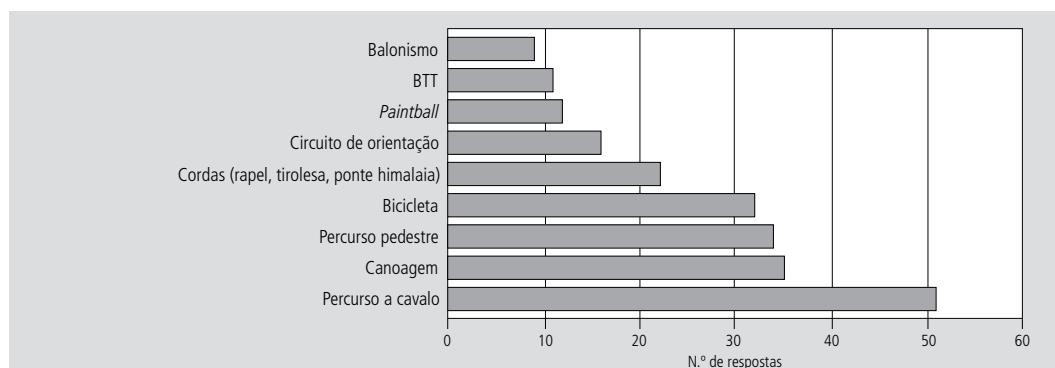


Figura 4 | Atividades de animação ambiental escolhidas pelos visitantes.

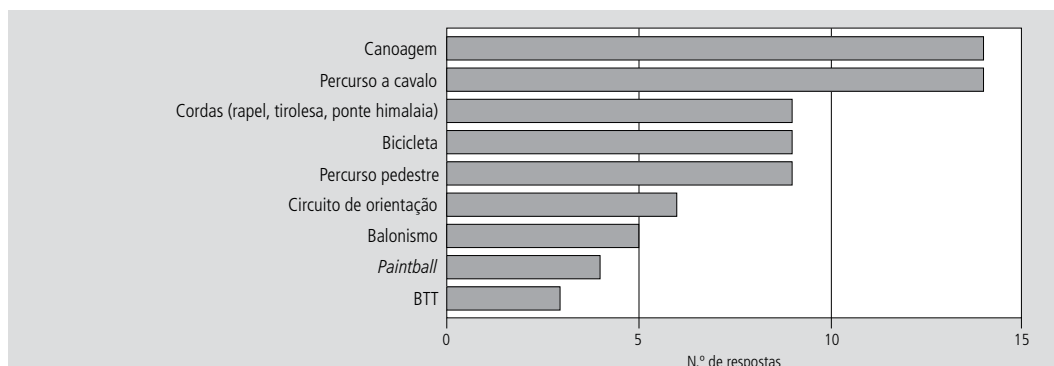


Figura 5 | Atividades de animação ambiental escolhidas por 26 das famílias inquiridas – Q1 – Adultos.

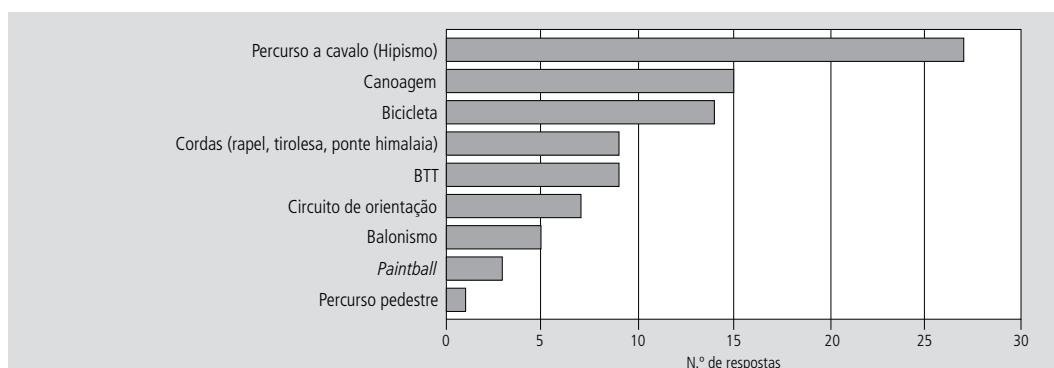


Figura 6 | Atividades de animação ambiental escolhidas por 26 famílias inquiridas – Q2 – Crianças e Jovens.

10. Proposta de estratégia educativa para o Park & Zoo S. Inácio

10.1. Definição do plano interpretativo

Considerando o caso prático e após várias discussões com alguns dos colaboradores do zoo, consideramos que o tema central se deveria centrar no risco de desaparecimento de espécies para a biodiversidade (Figura 7). Desta forma poder-se-ia incluir não só o parque zoológico, como também os jardins e bosques pertencentes ao empreendimento turístico.

A relação do homem com a natureza é a questão sensível de toda a problemática ambiental que vivemos nos nossos dias. O homem é apenas um dos elementos constituintes da enorme Teia da Vida. Como qualquer teia os pontos desta estão

interligados e dependentes, se algo acontecer a um dos seus vértices toda a teia se desmorona.

É com base nesta ideia que se construiu o centro do tema interpretativo – A rede de interdependência do homem com outras espécies é essencial à sobrevivência do planeta.

O homem apresenta-se como o problema e a chave para as diferentes questões ambientais. Embora seja apenas um dos elementos constituintes da *teia da vida* ele é também o maior responsável pelos acontecimentos, mas também o único ser com capacidade de alterar o rumo da aparente destruição. Daí que ao mesmo seja conectada a responsabilidade, a questão sobre o que podemos fazer, assim como a consciencialização sobre o perigo que nós – homens corremos com o desaparecimento de outras espécies.

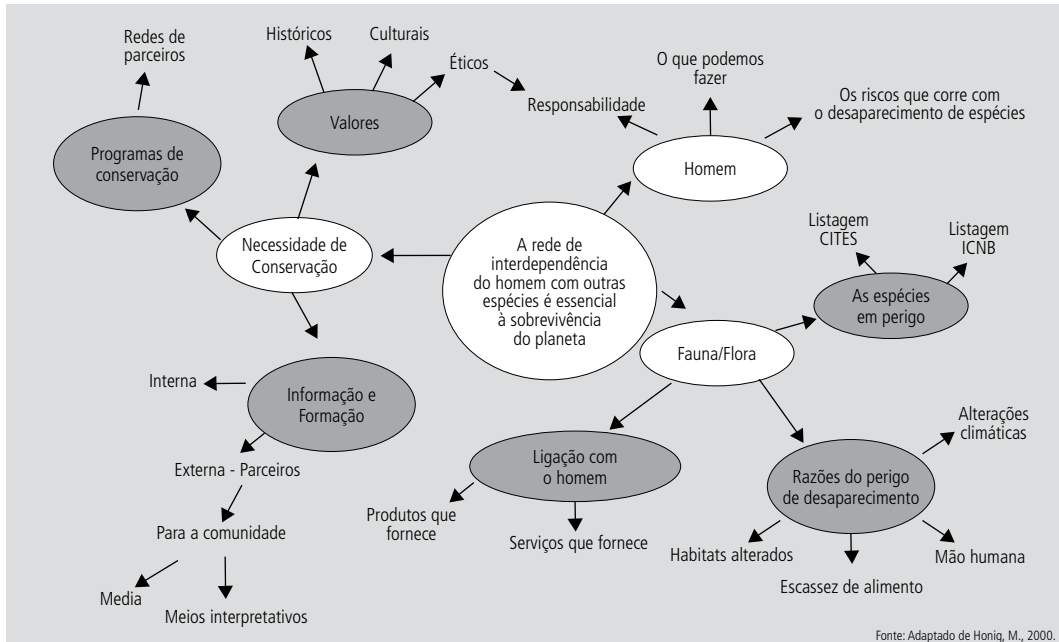


Figura 7 | Proposta de plano interpretativo para o Park & Zoo.

Os diferentes elementos da fauna e flora formam todos os outros vértices da *teia da vida*. Esta dimensão está conectada com as espécies em perigo, das quais existem já listagens internacionais (CITES) e nacionais (ICNB), com a identificação das razões de perigo de desaparecimento. É necessário que percebamos o porquê destas espécies estarem enquadradas nestas listagens e finalmente a conexão destas espécies com o homem, isto é, o tipo de serviços e produtos que são fornecidos ao homem por estas espécies de fauna e flora e o necessário equilíbrio no explorar desses recursos naturais.

Associado está a necessidade de conservação a qual passa pela informação e formação, por programas de conservação (nacionais e internacionais) e pela alteração de valores.

A informação e formação poderá dar-se a nível interno, dentro do Zoo e para os colaboradores, assim como a nível externo para a comunidade de visitantes, mais directamente e para a restante população através de programas de sensibilização com colaboração de outros empreendimentos ou entidades.

Os programas de conservação exigem a realização de parcerias com outras entidades que trabalhem igualmente com estas temáticas de forma a tornarem-se mais eficazes.

Finalmente, a questão que é provavelmente a “chave” de muitas questões planetárias – os valores. Segundo a nossa experiência é aqui que reside a grande solução, mas também a grande problemática. Solução, porque só com base numa mudança de valores que enfatizem o respeito e a liberdade, é que conseguiremos alcançar o dito equilíbrio da *teia da vida*.

10.2. O objectivo interpretativo

Fundamentalmente o grande objectivo é que os visitantes percebam a forma como nós, humanos, nos encontramos também em risco quando ameaçamos outras espécies, ou como nos favorecemos se sustentarmos a vida de outra espécie.

10.3. Desenvolvimento do tema

Do tema central – A rede de interdependência do homem com outras espécies é essencial à sobrevivência do planeta – partiram três ideias base: o homem, a fauna e flora e a necessidade de conservação, que vai aliás de encontro à missão do Park & Zoo.

Parece-nos que poderá pensar-se em complementar as futuras actividades de interpretação e animação com informações e acções com outro tipo de profundidade de conhecimento.

O desenvolvimento do tema e de qualquer actividade de interpretação começa no exterior, isto é, nas informações que os futuros visitantes têm ou não sobre o espaço que irão visitar.

Nos dados obtidos foi-nos fácil perceber que grande parte dos visitantes – grupo família – do zoo são provenientes do próprio concelho em que o mesmo se encontra instalado, no entanto o distrito (Porto) precisa de ser informado para o facto de haver um produto turístico deste género tão próximo.

Criar uma identidade talvez fosse um aspecto a ponderar na estratégia da empresa, não querendo com isso menosprezar o peso do “passa-palavra” e das escolas que têm sido os grandes responsáveis pela expansão do conhecimento da existência do zoo.

Aliás o denominado “passa-palavra” é um meio bastante eficaz de “publicidade”, porque traz consigo o testemunho de uma experiência vivida.

10.4. Definição dos meios interpretativos e das actividades de animação ambiental

É importante realçar que esta definição de meios interpretativos e de actividades de animação ambiental está directamente relacionada com os dados alcançados com a aplicação do inquérito e respectiva análise dos mesmos.

No estudo que realizamos apenas nos focamos numa audiência ou grupo-alvo – as famílias. Por isso, só a elas se referem as escolhas e opções tomadas.

De um modo geral o Park & Zoo tem condições (espaço) para poder realizar todas as actividades de interpretação e animação ambiental, podendo considerar os resultados como uma estratégia de implementação faseada das actividades.

No entanto é importante relembrar os dados relativos às actividades de animação ambiental sendo o percurso a cavalo o mais desejado, seguido da canoagem, do percurso pedestre e do percurso de bicicleta. Mas quando as crianças e jovens responderam houve uma ligeira variação de opções, o percurso a cavalo manteve-se como o mais desejado, seguido da canoagem, da bicicleta e o percurso pedestre foi considerado como a última preferência.

Muito embora existam diferenças entre as actividades escolhidas pelos adultos e crianças e jovens, no momento da decisão por parte da empresa, sobre qual a actividade que deverá avançar primeiro é importante não esquecer que a principal razão que leva as famílias a visitar o Park & Zoo são os filhos, por isso, estes são o principal alvo de satisfação.

10.5. Os meios interpretativos

Os meios interpretativos a que nos referimos destinam-se sobretudo ao parque zoológico, o que não significa que não possam ser alargados a outros espaços pertencentes ao empreendimento.

Os meios interpretativos mais realçados foram as estações de descoberta, a visita auto-guiada com recurso a gravação e as explicações pontuais feitas por alguém do zoo.

É significativo o número de grupos familiares que disseram não sentir falta de qualquer actividade de interpretação ambiental, o que significa que deverá haver muito cuidado aquando da escolha de actividades, isto é, o objectivo último da visita é conhecer os animais, por isso, as actividades (ex: estações de descoberta) deverão estar sempre relacionadas com os animais e disponíveis ao

longo do percurso de forma a criar uma linha condutora entre o que foi observado e o que será experimentado.

10.6. As actividades de animação ambiental

As actividades de animação ambiental apresentam-se como uma mais-valia quer para complementar outras actividades e espaços já existentes, quer para rentabilizar um espaço que não está ocupado, assim como para responder ao objectivo último da Quinta de Santo Inácio – oferecer um dia divertido que motive à repetição da visita. As actividades mencionadas poderão ser efectuadas nos espaços pertencentes ao empreendimento Quinta S. Inácio (por explorar) devendo realizar-se uma série de adequações de piso, materiais e equipamentos de acordo com a especificidade de cada uma delas.

É importante realçar que o alvará que permite à Quinta de Santo Inácio realizar a exploração de um parque zoológico deverá ser alargado para este tipo de actividades para que a empresa as possa realizar por sua responsabilidade ou oferecendo a concessão a outra empresa habilitada a fazê-lo.

11. A implementação do programa interpretativo e de animação ambiental

11.1. Recursos humanos – o sector educativo e suas funções

O sector educativo deverá ter como principal função a coordenação do programa de educação e animação ambiental, tendo por isso, as seguintes tarefas:

- Organizar o plano de actividades de educação formal e não formal;

- Definir estratégias de informação, comunicação e sensibilização social;
- Definir temas e tópicos de interpretação ambiental;
- Regular as actividades recreativas e de animação ambiental;
- Prevenir e corrigir impactos (Adaptado de EUROPARC, 2005).

Na Figura 8 ao lado direito foram colocadas as questões consideradas centrais para que o sector de educação e animação faça sentido.

Num primeiro e segundo nível optamos pela divisão do sector em três áreas diferentes e pela definição de público-alvo – as actividades pedagógicas, destinadas a escolas, grupos organizados e famílias; as festas de aniversário destinadas às famílias visitantes e a animação vocacionada para as famílias e outros grupos organizados (escuteiros, excursões, etc.).

Num terceiro e quarto nível consideramos os momentos em que as referidas áreas deveriam desenvolver as suas actividades, assim como os recursos humanos aos quais deveriam recorrer.

Considerando a limitação de pessoas afectas ao sector de educação e animação e apontado já para o quinto nível da estrutura proposta, o Park & Zoo possivelmente terá que recorrer à prestação de serviços de outras empresas (exemplo: aniversários) e a protocolos de colaboração com escolas de formação de educadores e animadores, assim como à criação de uma bolsa de guias.

É relevante considerar que uma das actividades interpretativas mais apontadas no inquérito realizado foi – explicações feitas por alguém do zoo – o que implica uma forte aposta nos recursos humanos e na sua formação. Aliás está provado que para existir uma interpretação ambiental eficaz a relação entre guia e visitante é primordial – competências de interacção pessoal.

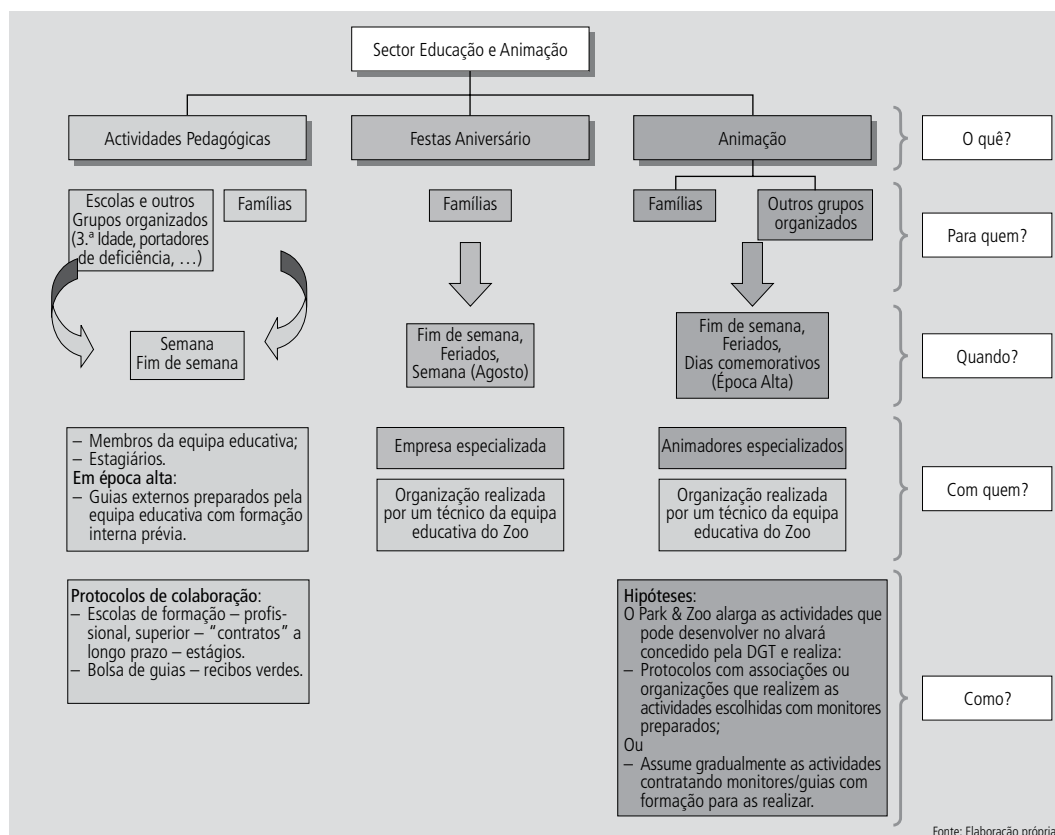


Figura 8 | Áreas de acção do Sector de Educação e Animação.

11.2. A equipa educativa

A equipa educativa do Park & Zoo, é composta por duas colaboradoras e uma coordenadora que não é unicamente responsável por este sector, acumula funções de Adjunta de Direcção.

A disponibilidade da equipa e focamo-nos apenas nas duas pessoas afectas exclusivamente a este sector, varia consoante a época do ano, isto é, o Park & Zoo como outros produtos turísticos sofre de grande sazonalidade, havendo como tal uma grande disponibilidade durante os meses de Outono e Inverno, vendo-se a mesma reduzida a partir de Março.

É importante realçar que as actividades referentes à demonstração de animais são feitas por técnicos da equipa veterinária, o que significa que muitas vezes

a equipa educativa não se reduz exclusivamente aos membros do sector educativo.

Se pensarmos que as actividades de manutenção de painéis, horta, entre outras, são também realizadas por técnicos de outros sectores facilmente nos apercebemos da interdependência existente e necessária entre os colaboradores de toda a empresa.

11.3. Possíveis soluções

Considerando as características desta empresa e a disponibilidade de recursos humanos parece-nos que seria interessante que a mesma adoptasse duas formas de trabalho diferente consoante estivesse presente uma época alta ou baixa de visitantes.

Durante a época baixa, os recursos existentes conseguem adaptar-se às exigências e pedidos que são feitos pelos visitantes, durante a época alta, as duas colaboradoras passariam a coordenar as actividades e os guias contratados de forma a melhorarem não só o seu desempenho, assim como aumentando a sua possibilidade de resposta aos diferentes pedidos de visitas-guiadas que são feitos por parte das escolas.

É importante que a coordenadora do sector mantenha a sua função, isto é, oriente as actividades pedagógicas e lúdicas ao longo de todo o ano e atribua a coordenação de pessoas (guias necessários para realizar actividades) e a coordenação de conteúdos (painéis, guiões, conteúdos de actividades) aos outros elementos da equipa.

Consideramos que talvez seja interessante ponderar a contratação de uma pessoa, durante a época alta, para realizar a marcação de visitas e permitir a um dos elementos da equipa maior dedicação às actividades pedagógicas e de animação.

Muito embora a educação seja um "irmão pobre" destes espaços, porque é uma valência da qual se sentiu a necessidade recentemente, ela obriga a uma preparação e reflexão sobre uma série de iniciativas e actividades que podem ser realizadas.

É de extrema importância que dentro da equipa educativa exista, pelo menos um elemento com formação pedagógica, ou que receba apoio exterior, por exemplo de professores/ educadores.

12. Considerações finais

As famílias inquiridas que visitam o Park & Zoo têm idades compreendidas entre os 31 e 51 anos acompanhadas por crianças entre os 0 e os 10 anos (67% do total de inquiridos). Os adultos são detentores de formação superior (89%) e o principal motivo da visita são os filhos (57% das respostas).

As actividades interpretativas referidas pelos adultos foram: as estações de descoberta, as visitas auto-guiadas e as explicações pontuais realizadas por alguém do zoo. No entanto, as crianças deram especial relevância às estações de descoberta seguidas das explicações pontuais. Estas duas actividades implicam a presença de um educador ambiental, isto é, estabelece-se uma relação interpessoal que é fundamental em qualquer relação educativa e revelou-se necessária nos inquéritos realizados.

As actividades de animação ambiental mais referidas pelos adultos foram: o percurso a cavalo, a canoagem e o percurso pedestre. As crianças por sua vez escolheram o percurso a cavalo, seguido da canoagem e da bicicleta.

O tema central de todo o plano interpretativo, discutido com os diferentes sectores que compõem o zoo, e que cria unidade nas actividades já existentes e nas futuras foi: a rede de interdependência do homem com outras espécies é essencial à sobrevivência do planeta. Desta forma é possível integrar toda a área pertencente ao empreendimento turístico (jardins e bosques).

Também se concluiu que tal definição temática implica uma reestruturação do sector educativo considerando a sazonalidade (época alta e baixa) e a oferta de actividades. Enquanto na época baixa os recursos humanos afectos ao sector conseguem responder aos pedidos feitos pelos visitantes, durante a época alta seria necessário que esses mesmos recursos passassem a coordenar actividades e guias contratados. É também relevante que nunca seja esquecida a formação quer dos guias contratados (contratos sazonais) quer a actualização da própria equipa.

Referências bibliográficas

Aza, 2006, Why zoos and aquariums matter: results from de multi-institutional research program (MIRP), Association of Zoos and Aquarium, Florida.

- Europarc, 2005, *Manual - conceptos de uso público en los espacios naturales protegidos*, N.º1, Fundación Fernando Gonzalez Bernáldez, Madrid.
- Europarc, 2005, *Manual - diseño de planes de seguimiento en espacios naturales protegidos*, N.º 2, Fundación Fernando Gonzalez Bernáldez, Madrid.
- Ham, S., Housego, A., Weiler, B., 2005, *Tasmanian Thematic Interpretation - Planning Manual*, Tourism Tasmania, Tasmania.
- Hill, M.M., Hill, A., 2005, *Investigação por questionário*, Edições Sílabo, Lisboa.
- Honig, M., 2000, Making your garden come alive! - environmental interpretation in botanical gardens, *Southern African Botanical Diversity Network Report*, N.º 9, Southern African.
- Mason, P., 2000, Zoo tourism: the need for more research, *Journal of Sustainable Tourism*, Vol. 8(4), pp. 333-339.
- Mason, P., 2003, *Tourism impacts, planning and management*, Elsevier Butterworth-Heinemann, United Kingdom.
- Orams, M.B., 1995, Using interpretation to manage nature-based tourism, *Journal of Sustainable Tourism*, Vol. 4(2), pp. 81-94.
- Ryan, C., Saward, J., 2004, The Zoo as ecotourism attraction - visitor reactions, perceptions and management implications: the case of Hamilton Zoo - New Zealand, *Journal of Sustainable Tourism*, Vol.12(3), pp. 245-266.
- Staiff, R., Bushell, R., Kennedy, P., 2002, Interpretation in National Parks: some critical questions, *Journal of Sustainable Tourism*, Vol. 10(2), pp. 97-113.
- Waza, 2005, Construyendo un futuro para la fauna salvaje - la estrategia mundial de los zoos y acuarios para la conservación, AIZA (Asociación Ibérica de Zoos y Acuarios), Barcelona.
- Wwf, 2003, Manual de Ecoturismo de Base Comunitária - Ferramentas para um planeamento responsável, WWF-Brasil, Brasil.